Português

Sintaxe - Estilística - Recursos Moforlógicos - [Fácil]

01 - (FUVEST SP)

De todos esses periquitinhos que tem no Brasil, tuim é capaz de ser o menor. Tem bico redondo e rabo curto e é todo verde, mas o macho tem umas penas azuis para enfeitar. Três filhotes, cada um mais feio que o outro, ainda sem penas, os três chorando. O menino levou-os para casa, inventou comidinhas para eles; um morreu, outro morreu, ficou um.

(Rubem Braga)

Neste excerto de *Tuim criado no dedo*,

a) o narrador em terceira pessoa emprega o discurso indireto para assimilar o ponto de vista do menino.

b) repetições, diminutivos, simplicidade sintática introduzem no discurso a perspectiva do menino.

c) a escassez de adjetivos torna concreta a visão substantiva, própria da infância.

d) o narrador em primeira pessoa utiliza o discurso direto para recriar a visão infantil.

e) diminutivos, predomínio da subordinação e sinestesias recriam o registro da percepção infantil.

02 - (FUVEST SP)

A carruagem parou ao pé de uma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobro enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás de uma portinha, ao lado, sentia-se o ranger de um berço, o chorar doloroso de uma criança.

(Eça de Queirós, *O primo Basílio*)

Observando-se os recursos de estilo presentes na composição desse trecho, é correto afirmar que:

a) o acúmulo de pormenores induz a uma percepção impessoal e neutra do real.

b) a descrição assume caráter impressionista, dando também dimensão subjetiva à percepção do espaço.

c) as descrições veiculam as impressões do narrador, e o monólogo interior, as da personagem.

d) a carência de adjetivos confere caráter objetivo e real à representação do espaço.

e) o predomínio da descrição confere caráter expressionista ao relato, eliminando seus resíduos subjetivos.

03 - (ENEM)

COM NICIGA, PARAR DE FUMAR FICA MUITO MAIS FÁCIL

1. Fumar aumenta o número de receptores do seu cérebro que se ativam com nicotina.
2. Se você interrompe o fornecimento de uma vez, eles enlouquecem e você sente os desagradáveis sintomas da falta do cigarro.
3. Com seus adesivos transdérmicos, Niciga libera nicotina terapêutica de forma controlada no seu organismo, facilitando processo de parar de fumar e ajudando a sua força de vontade. Com Niciga, você tem o dobro de chances de parar de fumar.

Revista Época, 24 nov. 2009 (adaptado).

Para convencer o leitor, o anúncio emprega como recurso expressivo, principalmente,

a) as rimas entre Niciga e nicotina.

b) o uso de metáforas como “força de vontade”.

c) a repetição enfática de termos semelhantes como “fácil” e “facilidade”.

d) a utilização dos pronomes de segunda pessoa, que fazem um apelo direto ao leitor.

e) a informação sobre as consequências do consumo do cigarro para amedrontar o leitor.

04 - (IBMEC SP)

Beija eu

Seja eu,

Seja eu,

Deixa que eu seja eu.

E aceita

o que seja seu.

Então deita e aceita eu.

Molha eu,

Seca eu,

Deixa que eu seja o céu.

E receba

o que seja seu.

Anoiteça e amanheça eu.

Beija eu,

Beija eu,

Beija eu, me beija.

Deixa

O que seja ser.

Então beba e receba

Meu corpo no seu corpo,

Eu no meu corpo

Deixa,

Eu me deixo.

Anoiteça e amanheça.

(Marisa Monte – Arnaldo Antunes – Arto Lindsay)
http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_todas.php?page=2

Na letra da canção acima, observa-se que os compositores recorrem a expedientes linguísticos que se afastam das convenções da norma-padrão da Língua Portuguesa com o objetivo de se obter efeitos expressivos. Constata-se que o emprego dos pronomes pessoais nos versos, além de contribuir com a musicalidade,

a) explora as variedades linguísticas regionais e populares.

b) enfatiza o tom apelativo expresso pelos verbos.

c) gera uma ambiguidade intencional na leitura do texto.

d) simula a linguagem afetiva dos casais enamorados.

e) revela intenção comunicativa de estabelecer hierarquia.

05 - (ENEM)



Disponível em: www.behance.net.
Acesso em: 21 fev. 2013 (adaptado).

A rapidez é destacada como uma das qualidades do serviço anunciado, funcionando como estratégia de persuasão em relação ao consumidor do mercado gráfico. O recurso da linguagem verbal que contribui para esse destaque é o emprego

a) do termo “fácil” no início do anúncio, com foco no processo.

b) de adjetivos que valorizam a nitidez da impressão.

c) das formas verbais no futuro e no pretérito, em sequência.

d) da expressão intensificadora “menos do que” associada à qualidade.

e) da locução “do mundo” associada a “melhor”, que quantifica a ação.

06 - (ENEM)

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das

descobertas que os neurocientistas fizeram ao longo da última década. Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós. Siga adiante e entenda o que está acontecendo (e aproveite que, segundo uma das mais recentes descobertas, nenhum exercício para o seu cérebro é tão bom quanto a leitura).

KENSKI, R. A revolução do cérebro. **Superinteressante**. ago. 2006.

Nessa introdução de uma matéria de popularização da ciência, são usados recursos linguísticos que estabelecem interação com o leitor, buscando envolvê-lo. Desses recursos, aquele que caracteriza a persuasão pretendida de forma mais incisiva se dá pelo emprego

a) do pronome possessivo como em "O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa".

b) de verbos na primeira pessoa do plural como "entendemos" e "somos".

c) de pronomes em primeira pessoa do plural como "nossa" e "nós".

d) de verbos no modo imperativo como "siga" e "aproveite".

e) de estruturas linguísticas avaliativas como "tão bom quanto a leitura".

07 - (UNCISAL)



Disponível em: <https://ospassarinhos.wordpress.com/ category/noticias/>. Acesso em: 22 out. 2015.

Dadas as afirmativas a respeito dos recursos expressivos empregados nos discursos do personagem da tira,

I. O personagem usa a conjunção conformativa, na primeira fala (1º quadrinho) e, logo em seguida, questiona sua afirmação, colocando-a em oposição à ideia inicial.

II. Em: “Mas eu não posso pensar nisso como algo ruim” (2º quadrinho) aparece, para enfatizar a ideia, uma ação executada num presente momentâneo, uma vez que o personagem utilizou o verbo auxiliar “poder” unido a uma forma nominal do verbo “pensar”.

III. No último quadrinho, a característica atribuída a “livros” foi intensificada por um advérbio.

verifica-se que está(ão) correta(s)

a) I, II e III.

b) II e III, apenas.

c) III, apenas.

d) II, apenas.

e) I, apenas.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 8

TEXTO IV

Amor

Amemos! Quero de amor

Viver no teu coração!

Sofrer e amar essa dor

Que desmaia de paixão!

Na tu'alma, em teus encantos

E na tua palidez

E nos teus ardentes prantos

Suspirar de languidez!

Quero em teus lábios beber

Os teus amores do céu,

Quero em teu seio morrer

No enlevo do seio teu!

Quero viver d'esperança,

Quero tremer e sentir!

Na tua cheirosa trança

Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzela,

Minha'alma, meu coração!

Que noite, que noite bela!

Como é doce a viração!

E entre os suspiros do vento

Da noite ao mole frescor,

Quero viver um momento,

Morrer contigo de amor!

(AZEVEDO, Álvares de. *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000)

08 - (ESCS DF)

No texto IV, verificam-se duas marcas lingüísticas que expressam o apelo do eu-lírico ao ser amado e para viver o amor. Assinale a alternativa **que contém** essas duas marcas:

a) vocabulário singelo e uso da 3a pessoa do singular;

b) 1ª pessoa do plural e forma verbal imperativa no primeiro verso;

c) formal verbal imperativa no primeiro verso e verbos de ligação;

d) uso de vocativo e vocabulário formal;

e) 1ª pessoa do plural e pronomes de tratamento.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 9

A GRANDE VINGANÇA

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO – Desde criança ouvia dizer que não se deve brincar com mulher. Por favor, me entendam. Brincar não significava, nesta advertência, fugir delas, deixar de amá-las, de transar com elas quando possível e com a obrigação suplementar de tentar até o impossível. “Brincar” era não levá-las a sério, baseados na inexistente fragilidade feminina, não temê-las na capacidade de suas cóleras e vinganças.

Mãe, matrona, matriarca, exemplo nas coisas boas e más, a natureza é mulher — e bota mulher nisso. Bela e irascível, aconchegante e letal, aí estão os resultados de sua ira contra os Estados Unidos, país que se recusa a assinar o Tratado de Kyoto. Vivendo basicamente de matérias-primas vindas de todas as partes do mundo para alimentar sua formidável gula industrial, os Estados Unidos desdenham o cuidado que o resto da humanidade dedica ao ambiente.

O pragmatismo, aliado ao hedonismo da sociedade norte-americana, criou um tipo de mentalidade que a aproxima nada menos do que a Jesus Cristo: não é deste mundo.

A natureza, como foi dito acima, é mulher, e como mulher, não perdoa àqueles que a desprezam ou a esnobam. O resultado aí está. A sucessão de tragédias naturais é a cobrança que torna os Estados Unidos vulnerável a catástrofes que habitualmente só acontecem em países pobres

ou miseráveis. Uma sociedade que detém o maior poder econômico e militar do mundo de repente vê se esfacelarem os pés de barro que sustentam o gigante.

As tragédias ainda estão localizadas em regiões menos ricas e lambidas pelos furacões do Golfo do México. Mas há fendas no subsolo do grande território, como em Los Angeles e imediações, que podem de uma hora para outra criar uma tragédia equivalente às hecatombes de Hiroshima e Nagasaki.

Já estão falando em vingança da dupla Allah e Maomé. Prefiro acreditar na vingança da natureza.

Folha de S. Paulo, 25/09/05.

09 - (PUC MG)

Leia o trecho que segue e assinale a afirmativa **INADEQUADA**.

"A natureza, como foi dito, é uma mulher, e como mulher, não perdoa àqueles que a desprezam ou a esnobam. O resultado aí está. A sucessão de tragédias naturais é a cobrança que torna os Estados Unidos vulnerável a catástrofes (...)"

a) Em "A natureza, como foi dito, é uma mulher", recupera-se claramente uma expressão metafórica por meio da qual se pretende conferir à natureza características femininas.

b) O emprego da expressão "como foi dito" é uma estratégia muito comum em textos escritos, a qual tem como função ampliar a compreensão do leitor sobre o tema em discussão.

c) Há uma relação de causalidade entre os segmentos: "como mulher, não perdoa àqueles que a desprezam ou a esnobam".

d) O resultado aí está: a sucessão de tragédias naturais é a cobrança que torna os Estados Unidos vulnerável a catástrofes. Essa nova redação que se propõe conserva as relações sintático-semânticas estabelecidas no texto original.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 10

O CORPO

Acrobata enredado
Em clausura de pele
Sem nenhuma ruptura
Para onde me leva
Sua estrutura?

Doce máquina
Com engrenagem de músculos
Suspiro e rangido
O espaço devora
Seu movimento
(Braços e pernas
sem explosão)

Engenho de febre
Sono e lembrança
Que arma
E desarma minha morte
Em armadura de treva.

ARMANDO FREITAS FILHO http://geocities.yahoo.com.br/jerusalem_13/armandofreitasfilho.html

10 - (UERJ)

A concisão é uma das características que mais se destacam na estrutura do poema.

Essa concisão pode ser atribuída a:

a) clara ausência de conectivos, explorando a sonoridade do poema

b) pouco uso de metáforas, enfatizando a fragmentação dos versos

c) abrupta mudança de versos, reforçando a lógica das idéias

d) baixa freqüência de verbos, exprimindo a inércia do eu lírico

TEXTO: 4 - Comum à questão: 11

A FORÇA QUE NOS UNE

Sabe aquela emoção que enche o peito, faz ferver o sangue, palpitar o coração? Aquele sentimento que dá vontade de sair dançando e cantando “Singing in the Rain” no meio da rua? Sabe? Pois é. Isso não é amor, não. Pode ser muita coisa boa, menos amor. Talvez seja paixão, desejo de se fundir no outro, surto emocional ou até mesmo uma mistura explosiva de tudo isso. Amor não é.

Talvez você nunca tenha parado para pensar porque “amava” tanto seu carrinho de rolimã. Mas a razão é bem simples: porque ele dava prazer. Ali estava Eros, o impulso em direção ao prazer, estimulando o “amor” pelo inocente carrinho. É o mesmo impulso que, mais tarde, fez você se apaixonar por um hobby, uma profissão, uma motocicleta ou pela namorada ou namorado. Eros é o impulso para a vida. É ele que nos leva a fazer o que nos dá prazer uma, duas, três, quantas vezes for bom. Em outras palavras, Eros é o motorzinho que faz girar o mundo. Essa foi uma das maiores descobertas do doutor Sigmund Freud, que rebatizou o deus grego de “libido” e estudou seu efeito surpreendente no comportamento de homens, mulheres e crianças. Eros é a paixão, o desejo do prazer.

O filósofo francês Roland Barthes é um dos que acreditam que um sentimento mais profundo pode nascer de uma paixão. No clássico Fragmentos de um Discurso Amoroso, ele diz que a primeira fase do amor é a paixão, que ele descreve assim: “Deslumbramento, entusiasmo, exaltação, projeção louca de um futuro pleno: sou devorado pelo desejo, a impulsão de ser feliz. Fico cego”. Mas isso não dura, é claro. Cientistas que se debruçaram a estudar a saúde do apaixonado concluíram que essa paixão não dura dois anos, no máximo. Mais cedo ou mais tarde a cegueira

passa e a realidade aflora, incluindo os defeitos do objeto da paixão, uma decepção que ele chamou de “paixão triste”.

Pode ser o fim de uma relação. Ou o começo de um novo caminho, mais longo, menos acidentado, mais tranqüilo e feliz. Esse caminho é o amor.

Na paixão, a atitude é passiva – queremos ser amados para garantir nosso prazer. O ego, portanto, vem em primeiro lugar. “A maioria das pessoas vê a questão do amor, antes de tudo, como o desejo de ser amado, em vez de amar”, diz Erich Fromm. “O amor, por outro lado, exige uma atitude ativa que, conscientemente, coloca o outro em primeiro plano”. Quer dizer, para amar é preciso, antes de tudo, pedir licença e tirar a si mesmo de frente.

Agora que já estabelecemos as diferenças entre amor e paixão, já podemos arriscar uma definição de amor. E amar é...

É um grande aprendizado, de toda uma vida. “O amor é uma resposta aprendida, uma emoção aprendida”, diz o professor Leo Buscaglia. “Mas a maioria de nós continua a agir como se vivesse adormecido em cada ser humano, simplesmente esperando alguma idade mágica de consciência para emergir em toda sua intensidade”, afirma ele.

O biólogo chileno Humberto Maturana diz ainda que o ser humano é preparado para amar. Criador da biologia do amor, ele diz que aprendemos esse sentimento na relação com a mãe (ou pai ou quem quer que cuide da criança) e no brincar, pois na brincadeira se estabelece a confiança no outro, ingrediente básico do amor.

Antropólogos também sabem que o amor faz parte de um aprendizado cultural, que depende da ênfase que uma determinada sociedade dá a ele. Ou seja, para aprender, a gente sempre aprende de alguém. E não se pode esquecer que essas pessoas que vão nos ensinar fazem parte de uma cultura, que pode dar mais ou menos importância ao amor.

A esse respeito, vivemos um momento excepcional. “Nunca na história da humanidade se deu tanta importância ao amor entre um homem e uma mulher (o amor romântico), como agora”, disse o psicanalista Jurandir Freire Costa, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Acompanhando o raciocínio do professor, é possível ver como a noção de amor que temos foi forjada na Idade Média, a partir do amor cortês dos trovadores, e definitivamente instaurada no século 19, com o romantismo europeu. Diz ele que o amor entre duas pessoas podia até acontecer, mas que absolutamente não fazia parte dos valores incentivados pelas antigas sociedades. “Era uma exceção”, afirma. Os filósofos gregos, como Platão e Aristóteles, por exemplo, diziam que existiam entre os seres humanos três espécies de amor: amor erótico (a paixão), amizade e ágape (o amor celestial, divino), que estava muito além do desejo de um corpo e que pertencia ao mundo das idéias. Nem uma palavrinha sobre o amor entre um homem e uma mulher, ninguém pensava nisso. Acredite, essa história do amor entre duas pessoas se tornar o ponto

central de uma vida – e também de boa parte da produção cultural de uma sociedade – não tem mais de 100 anos.

ALVES, Liane. Revista Vida Simples, dez. 2004. Adaptação.

11 - (UFCG PB)

Observe os fatores discursivos, coesivos e sintáticos e assinale como verdadeira (V) ou falsa (F) as afirmações que seguem:

I. O emprego de É CLARO (linha 16) e NO MÁXIMO (linha 17) nega a informação apresentada pelo filósofo R. Barthes.
II. O uso de POR OUTRO LADO (linha 24) marca a diferença entre os conceitos de "Paixão" e de "Amor" tratados no texto.
III. Os termos AINDA (linha 33) e TAMBÉM (linha 36) funcionam como reforço para a idéia central do texto.

A seqüência CORRETA é:

a) FFV
b) VFF
c) FVF
d) FVV
e) VVF

TEXTO: 5 - Comum à questão: 12

O VELHO LAR

Coelho Neto

[1]A casa resistira ao tempo: rija nos seus formidáveis esteios de cabiúna, toda [2]aberta ao ar e à luz, muito branca, destacava-se sobre o fundo escuro da mata que [3]dominava sobranceira o alto da colina. As grandes alas caiadas, os espaçosos [4] quartos, os corredores imensos estavam impregnados de recordações. Havia [5] ainda um vago aroma do passado – os manés dos que ali haviam expirado [6] pareciam errar na luz e na brisa, festejando as almas que voltavam como para [7] aninhar-se no aconchego do ninho, pressentindo perto o duro inverno da velhice.

12 - (UFAC)

Há uma passagem no texto em que o autor deixa transparecer uma sensação de segurança oferecida pelo velho lar aos que a ele retornam na velhice. Que palavra/expressão é usada para nos transmitir tal sensação?

a) recordações

b) aroma do passado

c) manes

d) festejando

e) aninhar-se

TEXTO: 6 - Comum à questão: 13

“Se não comparecerdes...

Considerações sobre a relação entre o pronome “vós” e as diabruras do Estado brasileiro”

Roberto Pompeu de Toledo

Uma pessoa humilde, ora pleiteando sua aposentadoria junto ao INSS, em São Paulo, recebeu a seguinte "carta de exigências" da instituição. Os nomes, tanto da pessoa que pleiteia a aposentadoria quanto de [05]quem assina a carta, serão omitidos. O texto vai em sua conturbada e sofrida literalidade:

"Para dar andamento ao processo do Benefício em referência, solicito-vos comparecer, no endereço: Av. Santa Marina 1217, no horário de 07:00 às 15:00, para que as seguintes exigências sejam cumpridas:

- retirar a carteira profissional que se encontra em seu processo para que empregador atualiza as alterações de salarios em vista da ultima anotação foi 1990 e o salario de contribuição está divergente da ultima alteração

- recolher o 13 referente ao período de 1995 a 2004 que não foram recolhidos e 1 de férias conforme consta os meses a serem recolhidos na carteira profissional Comunico-vos que vosso pedido de Benefício será indeferido por desinteresse, se não comparecerdes dentro de 10 dias a contar desta data.

Deveis apresentar esta carta no ato do comparecimento".

Impressiona o ucasse desferido na penúltima linha contra o contribuinte: "...o Benefício será indeferido se não comparecerdes..." Mais impressionante ainda se torna quando se tem em conta que, antes de corridos os dez dias, o INSS entrou em greve, parou tudo e que se danem os solicitantes, os pleiteantes e os queixosos. Caso se queira mais uma dose de estupefação, acrescente-se que a carta foi emitida em maio, as exigências foram cumpridas, uma vez terminada a greve, e até agora nada. O benefício ainda não foi concedido. Mas releve-se. Não é esse o nosso ponto. Nem bem seriam as aflições infligidas à língua portuguesa, ao longo daquelas poucas linhas em que o idioma de Camões caminha aos trancos e barrancos, como um veículo desgovernado que despenca ladeira abaixo e bate um pára-lama aqui e outro ali, cai num buraco, sofre bruscos solavancos, corcoveia, raspa a porta no barranco, capota, desliza – para enfim se estatelar sem remédio contra um último e insuperável obstáculo.

É este último obstáculo que nos interessa: o pronome "vós". É verdade que a opção pelo vós, como tudo o mais, vai no vai-da-valsa, e sofre um retrocesso quando se fala em "seu processo", a alturas tantas, mas sem dúvida é a da preferência do autor da carta, tanto assim que se afirma, triunfal, nas duas últimas linhas. Que razão teria conduzido a tal preferência? Arrisquemos algumas hipóteses.

A primeira é a busca da elegância. O "vós" faz bonito em textos como o célebre soneto de Bilac: "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo/ Perdeste o senso! E eu vos direi no entanto/ Que, para ouvi-las, muitas vezes desperto/ E abro as janelas, pálido de espanto". A segunda seria a intenção de mostrar-se educado, num comunicado que afinal representa a palavra do próprio Estado brasileiro. Seria aconselhável, dada essa alta responsabilidade, o recurso a um pronome que assinala respeito e deferência. Mas... será? Elegância? Educação? São hipóteses que de saída sabemos pouco críveis. Tampouco se pode acreditar que o redator tenha empregado o "vós" porque lhe sai natural. Para isso, precisaríamos supô-lo alguém que tem a segunda pessoa do plural como ferramenta tão banal que é com ela que se comunica com a mulher em casa, os colegas no trabalho, os vendedores na feira. Não, não é possível.

Examinemos de novo o documento. Pensemos nele no contexto da relação do Estado com os cidadãos, no Brasil. Essa relação, segundo expôs recentemente a cientista política Lucia Hippolito, é de desconfiança. "Para a burocracia", escreveu ela, "o cidadão tem sempre culpa, está sempre devendo, está sempre na obrigação de provar sua inocência com mais um documento, mais uma firma reconhecida, mais uma certidão autenticada em cartório." Uma suspeita começa a se firmar. A crase não foi feita para humilhar ninguém, mas o "vós" foi. O desejo de acuar o cidadão, de encostar-lhe no peito a ponta da espada, de fazê-lo sentir-se pequeno, diante da majestade do Estado, foi esse, sim, só pode ter sido esse, o motivo pelo qual o redator da carta escolheu o "vós".

O "vós", tal qual se apresenta no texto, ressoa amedrontador como um castigo. Humilhar? Não, ainda é pouco. A intenção é aterrorizar. Volte-se ao texto: "Se não comparecerdes..." Isso é muito mais assustador do que "se você não comparecer", ou "se o senhor não comparecer". Soa como decreto vindo das alturas inatingíveis, dos príncipes incontrastáveis, do céu. Faz tremer como um trovão. E esse "vós" é tristemente significativo do Brasil. Simboliza o massacre cotidiano a que o Estado submete os cidadãos, os mais humildes em primeiro lugar. Entra governo e sai governo, entra década e sai década, essa é uma situação que permanece, inelutável como fenômeno da natureza. O presidente, os ministros, as CPIs, estes estão sempre preocupados com outras coisas. Cá em baixo, a relação entre o Estado e o cidadão comum sempre foi, e continua sendo, feita de pequenas atrocidades.

Extraído da Revista Veja. Edição de 2 de novembro de 2005.

13 - (UFAC)

Uma das recomendações estilísticas, para a construção de um texto, é a de que não se deve repetir palavras ou expressões na mesma linha ou no mesmo parágrafo. Essa recomendação é cumprida no texto:

a) Somente pela substituição de “língua portuguesa” por “idioma de Camões”. (linhas 35-36 e 37)

b) Pela menção ao pronome “vós” no soneto de Olavo Bilac. (linha 52)

c) Pela substituição, por exemplo, do pronome “vós”, caracterizado pelo verbo “comparecer", na 2ª pessoa do plural, por ”você”. (linha 89)

d) Pela substituição, por exemplo, do pronome “vós”, caracterizado pelo verbo “comparecer”, na 2ª pessoa do plural (linha 89), por “senhor”. (linha 89)

e) Pela substituição, por exemplo, de “língua portuguesa” por “idioma de Camões” (linhas 35-36 e 37) e pela substituição da sigla “INSS” (linha 02) pela palavra “instituição”. (linha 03)

TEXTO: 7 - Comum à questão: 14

Exercício de Ironia

Beto Vianna*

Votar não é coisa fácil. Ainda mais depois que inventaram essas maquininhas em que não é preciso nem escrever o nome do candidato. Ou o número. Até hoje não vi ninguém denunciar essa eleição informatizada no Brasil como o maior golpe que já se deu em quem não sabe escrever (ao lado do celular, do MSN e do orkut). Hoje, não é preciso saber escrever pra votar. Hoje, não é preciso saber escrever. Que histórica ironia: depois de 5.000 anos de evolução da escrevinhação humana, não precisamos mais escrever o voto, e o voto virou-se contra a escrita.

Elitista, eu? Vou viajar mais um pouco, que a responsabilidade da pena é minha: qualquer bactéria inquilina deste planeta (a maioria, as que eu conheço, pelo menos) sabe viver em paz e harmonia com a próxima. Já o humano (a maioria, os que eu conheço, pelo menos) sofre de democracismo, desde os gregos. É preferível pra esse organismo civilizadíssimo a justiça, a liberdade e a igualdade, ou seja, mais vale o respeito dos outros ao eu do que a responsabilidade individual. Esse é o fundamento da Revolução Francesa e da Independência dos Estados Unidos. Ah! Como se meu vizinho fosse lavagem pra dar pros porcos, e eu – sempre eu – fosse o supercidadão, pleno de direitos. A minha liberdade começa onde... putz, começa onde eu conseguir que ela comece, e dane-se o resto. Não esqueço nunca esta música do Premê (cito de memória, talvez com liberdade poética): "compre já o seu abrigo nuclear e deixe o resto do mundo queimar à vontade lá fora".

Você luta por seus direitos? Parabéns, mas engula comigo o fato que quem inventou isso foram os gregos em um atentado fundacional no Ocidente à coletividade, colocando o Estado a serviço do eu. O Procon, a Lei do Ventre Livre, o PSDB e o PT, o PSOL, a carteirinha de estudante, o banheiro público, tudo isso são invenções gregas, milenares. A idéia é a mesma: eu tenho os meus direitos e ninguém tasca, mas o direito do vizinho é problema dele. Cada um com seus problemas, e os meus problemas devem ser resolvidos pelo Estado.

Falando em particular do Brasil, enquanto nós, intelectuaizinhos da classe mediana, ficamos reclamando nossos direitos, enquanto nós, operários sindicalizados, conquistamos 44 horas semanais, enquanto todos curtimos o livre-arbítrio, a livre imprensa, o livre comércio, o livre-pensar e a luta livre, um monte de outros humanopatas é gerado no sistema educacional brasileiro, esse lugarzinho onde a grana – a verba, pra usar o termo de quem faz direito – não vai pra quem é de direito. País capitalista que se preza, como outros existem por aí há 400 anos, o Brasil paga bem o

universitário e rouba da criança. Capitalista, num sentido lato da coisa, come criancinha mais rápido e mais deglutido que qualquer comunista stricto sensu.

*In: Jornal O tempo, 23/09/2006, p. A9.

14 - (UFOP MG)

De acordo com o texto Exercício de Ironia, os vocábulos no diminutivo foram usados para expressar ironia, exceto:

a) “maquininhas” (linha 2)

b) “carteirinha” (linha 25)

c) “intelectuaizinhos” (linha 30)

d) “lugarzinho” (linha 35)

TEXTO: 8 - Comum à questão: 15

Qualquer canção

Qualquer canção de amor
É uma canção de amor
Não faz brotar amor
E amantes
Porém, se essa canção
Nos toca o coração
O amor brota melhor
E antes

Qualquer canção de dor
Não basta a um sofredor
Nem cerze um coração
Rasgado
Porém, inda é melhor
Sofrer em dó menor[1]
Do que você sofrer
Calado

Qualquer canção de bem
Algum mistério tem
É o grão, é o germe, é o gen[2]
Da chama
E essa canção também
Corrói como convém
O coração de quem
Não ama

CHICO BUARQUE

In: CHEDIAK, Almir. Chico Buarque song book 3.

Rio de Janeiro: Lumiar.

Vocabulário:

[1]dó menor – um dos tons musicais

[2]gen – relativo a origem, nascimento

15 - (UERJ)

A pluralidade de sentidos, característica da linguagem poética, pode ser obtida por meio de vários mecanismos, como, por exemplo, a elipse de termos.

Esse mecanismo está presente, de modo mais marcante, no seguinte verso:

a) “E amantes” (v. 4)

b) “E antes” (v. 8)

c) “Rasgado” (v. 12)

d) “Calado” (v. 16)

TEXTO: 9 - Comum à questão: 16

[1]À aldeia chamam-lhe Azinhaga, está naquele [2]lugar por assim dizer desde os alvores [3]da nacionalidade (já tinha foral no século [4]décimo terceiro), mas dessa estupenda [5]veterania nada ficou, salvo o rio que [6]lhe passa mesmo ao lado (imagino que [7]desde a criação do mundo), e que, até [8]onde alcançam as minhas poucas luzes, [9]nunca mudou de rumo, embora das suas [10]margens tenha saído um número infinito [11]de vezes. A menos de um quilómetro das [12]últimas casas, para o sul, o Almonda, que [13]é esse o nome do rio da minha aldeia, encontra-se [14]com o Tejo, ao qual (ou a quem, [15]se a licença me é permitida), ajudava, em [16]tempos idos, na medida dos seus limitados [17]caudais, a alagar a lezíria* quando as [18]nuvens despejavam cá para baixo as chuvas [19]torrenciais do Inverno e as barragens [20]a montante, pletóricas, congestionadas, [21]eram obrigadas a descarregar o excesso [22]de água acumulada. A terra é plana, lisa [23]como a palma da mão, sem acidentes orográficos [24]dignos de tal nome, um ou outro [25]dique que por ali se tivesse levantado [26]mais servia para guiar a corrente aonde [27]causasse menos dano do que para conter o [28]ímpeto poderoso das cheias. Desde tão [29]distantes épocas a gente nascida e vivida [30]na minha aldeia aprendeu a negociar com [31]os dois rios que acabaram por lhe configurar [32]o carácter, o Almonda, que a seus pés [33]desliza, o Tejo, lá mais adiante, meio oculto [34]por trás da muralha de choupos, freixos [35]e salgueiros que lhe vai acompanhando o [36]curso, e um e outro, por boas ou más razões, [37]omnipresentes na memória e nas falas [38]das famílias.

*Lezíria: planície de inundação junto a certos rios.

Saramago, José. <u>As pequenas memórias</u>. São Paulo:

Companhia das Letras, 2006.

16 - (FGV)

Observe nas linhas 14 e 15: **ao qual (ou a quem, se a licença me é permitida), ajudava**. A licença a que o autor se refere é uma forma de:

a) Ser mais preciso no emprego da forma pronominal.

b) Tratar respeitosamente o leitor.

c) Valorizar o rio Tejo, dando-lhe status de pessoa.

d) Desvalorizar o rio Tejo em suas memórias.

e) Valorizar o rio da sua aldeia, o Almonda.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 17

Leia atentamente o texto a seguir antes de responder as questões propostas.

A histórica falta de lucidez de sucessivos governos para solucionar os problemas sociais provoca hoje o fenômeno social da informalidade e do crime, e o comércio ostensivo de produtos piratas toma conta dos logradouros públicos.

A tolerância de parte da população − que consome, conscientemente, esses produtos ilegais − e dos governos − que, muitas vezes, cedem os espaços públicos, sob o argumento de que “a informalidade é a alternativa para o desemprego” − só estimula o aumento dessa atividade, dominada por organizações criminais de alcance internacional.

O comércio ostensivo de produtos piratas e o consumo consciente de tais produtos são sinais de uma sociedade que já não se abala com a violação de normas.

Infelizmente, cada vez mais pessoas incluem na rotina diária a violação como forma de ter vantagens, o que constitui gravíssima questão cultural. Essa cultura que aceita e valoriza a transgressão − desde que ela traga vantagens − passa de uma geração para a outra, e, em cada nova geração, o problema se agrava, pois cada vez mais se perde o contato com um padrão ético que um dia existiu. E todos caminhamos na direção de uma sociedade transgressora, sem limites éticos e sem segurança jurídica.

Por isso, a abordagem do Estado para o comércio informal de produtos piratas não pode envolver a tolerância ao crime. É exatamente o conjunto de todas as “pequenas tolerâncias” que nos leva a uma sociedade amedrontada pelos “grandes crimes”.

Aceitar a pirataria sob a alegação de que ela pode ser a válvula de escape para o problema social do desemprego é um gravíssimo erro. Se não formos capazes de evitar as causas sociais da criminalidade, tolerar o crime porque atrás dele pode estar essa questão social é errar outra vez.

O dinheiro que entra no comércio da pirataria − por exemplo, quando um pai, acompanhado de seu filho, compra um DVD infantil pirata de um camelô − circula pelos vasos comunicantes que interligam as diversas organizações criminais na clandestinidade e poderá se materializar na frente daquela criança, na forma de um traficante na porta da escola.

Esse é o preço que se paga pela tolerância ao crime, disfarçado de solução informal para problemas sociais não resolvidos.

Sob o aspecto criminal, aceitar ou mesmo estimular que a polícia tolere o crime porque pode existir por trás dele a questão social é dar a ela um poder que, no futuro, poderá voltar-se contra o próprio cidadão. A polícia deve agir dentro de um espaço discricionário perfeitamente delimitado pela lei, o que constitui, sobretudo, uma garantia para a sociedade.

Essa obrigação não se limita à polícia, mas se estende às administrações municipais, já que o ato de comércio deve ser regulado e fiscalizado pelas prefeituras, que têm o poder-dever de agir quando a atividade de comércio é exercitada irregularmente, como na venda de produtos piratas.

Sob o aspecto econômico, a informalidade é uma das causas do baixo crescimento do país. Se eliminássemos a informalidade, nossa economia cresceria mais 2,5 pontos percentuais por ano, segundo a consultoria McKinsey.

A informalidade e a pirataria espantam os investimentos externos produtivos, geradores de desenvolvimento. Um país com elevados índices de informalidade e de desrespeito à propriedade intelectual é visto como uma mesa de jogo de azar, só atraindo o investimento especulativo.

E não podemos jamais esquecer que, se de um lado existem pessoas que optaram por violar a lei, comercializando produtos piratas, de outro lado existem muitos cidadãos honestos que são duplamente virtuosos: pois são honestos e porque, todo dia, optam por continuar honestos, a despeito da concorrência criminosa e desleal da pirataria. E esses cidadãos merecem a proteção do Estado, como ponto de partida para a criação de uma sociedade próspera e justa.

Mas o combate à pirataria também é um ato de proteção voltado aos “camelôs” envolvidos no comércio de produtos piratas nas ruas das cidades, pois eles são “escravos” da organização criminal da pirataria.

Por tudo isso, combater a informalidade e a pirataria é, sobretudo, recuperar os valores éticos nas relações sociais, ponto de partida para a criação de uma sociedade próspera e justa.

Carlos Alberto de Camargo. *Folha de S. Paulo*, 7 de novembro de 2006.

17 - (UFU MG)

Assinale a ÚNICA alternativa INCORRETA.

O emprego da primeira pessoa do plural em expressões como (E todos caminhamos na direção de uma sociedade transgressora [...]". (linha 11); "Se não formos capazes de evitar [...]". (linha 17); "E não podemos jamais esquecer [...]". (linha 37) evidencia que o autor objetiva

a) dividir responsabilidades com o leitor.

b) incluir também os leitores.

c) dirigir-se a um grupo com o qual se identifica.

d) expressar modéstia.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 18

Leia com atenção um fragmento do poema extraído do livro *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, e responda às questões.

A Flor e a Náusea

1.Preso à minha classe e a algumas roupas,

Vou de branco pela rua cinzenta.

Melancolias, mercadorias espreitam-me.

Devo seguir até o enjôo?

5. Posso, sem armas, revoltar-me?

6. Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
10. fundem-se no mesmo impasse.

11. Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
14. As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

15. (...)
Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
21. garanto que uma flor nasceu.

22. Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
25. É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

18 - (FEI SP)

O termo ***<u>enjôo</u>*** usado no quarto verso:

a) está usado em sentido literal e expressa a indiferença da multidão na rua por um anônimo que não se sente bem.

b) está usado em sentido literal e expressa a saúde precária dos menos favorecidos.

c) é utilizado em sentido figurado e significa que o eu lírico deseja ter acesso a mercadorias que não pode comprar.

d) é utilizado em sentido figurado e expressa a dificuldade de o eu lírico assumir decisões sobre sua vida pessoal.

e) é utilizado em sentido figurado e expressa a aversão do eu lírico à realidade opressiva em que vive.

TEXTO: 12 - Comum à questão: 19

ESTA É UMA CRISE DE SUSTENTABILIDADE

Rachel Biderman

(Coordenadora adjunta do Centro de

Estudos em Sustentabilidade da EAESP-FGV)

Não é mais possível insistir em um modelo de sociedade hiperconsumista cujos excessos causam tantos danos, inclusive ao meio ambiente. No fundo, a crise da atualidade nos mostra que é hora de resgatar valores que ficaram para trás. A sociedade precisa acordar, e já

[01]A crise financeira atual é uma crise também da sustentabilidade. É uma crise da ética [02]empresarial, do meio ambiente, dos direitos humanos e sociais, da governança corporativa, [03]enfim, de tudo o que está sob o guarda-chuva da sustentabilidade. Se houvesse [04]sustentabilidade enraizada nas organizações, a crise não estaria acontecendo. E o movimento [05]em prol da sustentabilidade empresarial e governamental tem de se fortalecer ainda mais a [06]partir de agora. Não é momento de preocupação sobre eventual arrefecimento do movimento. [07]É uma chance de trazer esse debate à tona, de chamar à responsabilidade os tomadores de [08]decisão. E jogar luz sobre os bons exemplos, para que se tornem os guias dessa nova fase da [09]história da humanidade. Os atuais tomadores de decisão têm em suas mãos a chave para um [10]futuro saudável. Aqueles que abraçarem a causa socioambiental certamente serão os líderes [11]do futuro.

[12]Essa crise põe em cheque o modelo da atual sociedade de hiperconsumo, que se [13]inspira no padrão norte-americano de consumo, cujos excessos tornam irreversíveis certos [14]danos à sociedade e ao ambiente. Não é possível todos os seres humanos manterem o [15]mesmo padrão de consumo dos norte-americanos e, quiçá, dos futuros chineses. Não há [16]recursos suficientes no planeta, nem válvula de escape para a poluição decorrente.

[17]Estamos na rota do irreversível. Não pode haver alerta mais eloquente do que os [18]quatro relatórios de cientistas de todo o mundo – inclusive do Brasil -, reunidos no Painel [19]Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU (IPCC), afirmando que a mudança [20]climática é real, causada pelas atividades humanas, e se tornará irreversível em poucos anos. [21]O presidente do IPCC, Rajendra Pachauri, tem avisado que os próximos quatro anos serão os [22]mais definitivos da história da humanidade e que está em nossas mãos a chave do futuro.

[23]Unem-se a ele, nesse alerta, Al Gore, Nicholas Stern, dentre outros. O sistema [24]climático tem sido nosso melhor despertador. Está tocando um alarme já faz tempo, e estamos [25]com preguiça de acordar... O sono demorado pode nos fazer perder o bonde da história.

[26]Portanto, uma das tarefas que temos pela frente é trabalhar um modelo de economia [27]que se sustente não no consumo exacerbado de bens inúteis e poluentes, mas no modelo de [28]prestação de serviços que melhorem o nível de vida das pessoas. Precisamos de mais [29]inteligência. Comida há para todos no planeta, basta organizar um sistema de produção e [30]distribuição.

[31]Podemos prescindir de alguns excessos. A sociedade hiperconsumista de hoje [32]certamente não é uma sociedade feliz. A felicidade não está à venda costurada como adereço [33]de um último item da moda, numa embalagem superfashion, ou num carro hiperturbinado. Ela [34]está nas coisas simples. No fundo, precisamos de uma nova doutrina, um choque de [35]generosidade e um resgate de valores que ficaram para trás. Essa é a mensagem que a crise [36]nos traz, e o planeta também.

(AMANHÃ, n. 250, p. 34, fev. 2009.)

19 - (UCS RS)

Analisando as informações presentes no texto, pode-se dizer que

I. a recuperação de valores do passado é um dos caminhos para a superação da crise da sustentabilidade.

II. o IPCC alerta para o atual comportamento consumista dos chineses.

III. a prefixação em **hiperconsumista**, **superfashion**, **hiperturbinado** (último parágrafo) enfatiza a ideia de que a felicidade não é conquistada com excessos.

Das afirmativas acima, pode-se dizer que

a) apenas I e II estão corretas.

b) apenas I e III estão corretas.

c) apenas II e III estão corretas.

d) I, II e III estão corretas.

e) I, II e III estão incorretas.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 20

Poema obsceno

Façam a festa
cantem e dancem
que eu faço o poema duro
o poema-murro
sujo
como a miséria brasileira

Não se detenham:
façam a festa
Bethânia Martinho
Clementina
Estação Primeira de Mangueira Salgueiro
gente de Vila Isabel e Madureira
todos
façam
a nossa festa
enquanto eu soco este pilão
este surdo
poema
que não toca no rádio
que o povo não cantará
(mas que nasce dele)
Não se prestará a análises estruturalistas

Não entrará nas antologias oficiais
Obsceno
como o salário de um trabalhador aposentado
o poema
terá o destino dos que habitam o lado escuro do país
– e espreitam.

(GULLAR, F. Toda poesia. São Paulo: Círculo do Livro, s. d. p. 338.)

20 - (UEL PR)

Considerando os recursos de composição do poema, assinale a alternativa correta.

a) As negativas presentes nos versos 19 a 23 desqualificam o poema e seu potencial crítico.
b) O termo comparativo “como” é utilizado para aproximar a experiência pessoal do eu lírico da miséria social brasileira.
c) O uso do imperativo constitui uma metáfora da estrutura de opressão típica da época da ditadura.
d) Os “que habitam o lado escuro do país – e espreitam” são uma metáfora dos militares responsáveis pela censura da produção artística.
e) Os versos 19 a 23 são formas de adjetivação do termo “poema”, assim como “sujo” e “duro”.

TEXTO: 14 - Comum à questão: 21

O Ser nordestino: sentimentos em relação ao Nordeste

Texto 9

A pobre esposa chorosa
naquele estranho ambiente
recorda muito saudosa
sua terra e sua gente
relembra o tempo de outrora,
lamenta, suspira e chora
com a alma dolorida
além da necessidade
padece a roxa saudade
de sua terra querida

ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: ______. *Cordéis e outros poemas.* Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 108

Texto 10

Ó cidade da querença,
sob o sol ou sob a chuva
tu me penetras de ausência.
Minha ilha e meu refúgio,
aço em que, longe, me firo
e espelho em que me revejo,
oásis a que me retiro
entre os desertos de andejo,
morada antiga de deuses,

me enches de luar e de adeuses.

FILHO, Linhares. Canção para Lavras. In: ______. *Notícias de Bordo*: poemas selecionados. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 118.

21 - (UFC CE)

Analise o que se afirma sobre o texto 9 e, a seguir, coloque V ou F conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma sobre ele.

( ) O uso da sequência de verbos retrata o aumento gradativo do sofrimento da personagem, quando está distante de sua terra.

( ) Os versos “além da necessidade / padece a roxa saudade” equivalem semanticamente ao provérbio “Além de queda, coice”.

( ) O uso do adjetivo “roxa” (v. 9), referindo-se à saudade que a personagem sente de sua terra, autoriza o leitor a inferir que o sentimento dela era comedido.

Assinale a alternativa correta.

a) V, F, V.

b) F, V, F.

c) F, F, V.

d) V, V, V.

e) V, V, F.

TEXTO: 15 - Comum à questão: 22

Múltiplo sorriso

Pendurou a última bola na árvore de Natal e deu alguns passos atrás. Estava bonita. Era um pinheiro artificial, mas parecia de verdade. Só bolas vermelhas. Nunca deixava de armar sua árvore, embora as amigas dissessem que era bobagem fazer isso quando se mora sozinha. Olhou com mais vagar. Na luz do fim da tarde, notou que sua imagem se espelhava nas bolas. Em todas elas, lá estava seu rosto, um [5]pouco distorcido, é verdade – mas sorrindo. “Estão vendo?”, diria às amigas, se estivessem por perto.

“Eu não estou só.”

HELOÍSA SEIXAS

Contos mais que mínimos. **Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.**

22 - (UERJ)

“Estão vendo?”, diria às amigas, se estivessem por perto. (ref. 5)

O trecho acima revela o choque entre o mundo imaginário da personagem e a realidade de sua solidão.

Esse choque entre imaginação e realidade é enfatizado pela utilização do seguinte recurso de linguagem:

a) o uso das aspas duplas

b) o emprego dos modos verbais

c) a presença da forma interrogativa

d) a referência à proximidade espacial

TEXTO: 16 - Comum à questão: 23

Leia o texto a seguir, extraído do conto *A hora e vez de Augusto Matraga*.

Já Nhô Augusto, incansável, sem querer esperdiçar detalhe, apalpava os braços do Epifânio, mulato enorme, de musculatura embatumada, de bicipitalidade maciça. E se voltava para o Juruminho, caboclo franzino, vivo no menor movimento, ágil até no manejo do garfo, que em sua mão ia e vinha como agulha de coser:

– Você, compadre, está-se vendo que deve de ser um corisco de chegador!...

E o Juruminho, gostando.

– Chego até em porco-espinho e em tatarana-rata, e em homem de vinte braços, com vinte foices para sarilhar!... Deito em ponta de chifre, durmo em ponta de faca, e amanheço em riba do meu colchão!... Está aí nosso chefe, que diga... E mais isto aqui...

E mostrou a palma da mão direita, lanhada de cicatrizes, de pegar punhais pelo pico, para desarmar gente em agressão.

Nhô Augusto se levantara, excitado:

– Opa! Oi-ai!... A gente botar você, mais você, de longe, com as clavinas... E você outro, aí, mais este compadre de cara séria, p'ra voltearem... E este companheirinho chegador, para chegar na frente, e não dizer até-logo!... E depois chover sem chuva, com o pau escrevendo e lendo, e arma-de-fogo debulhando, e homem mudo gritando, e os do-lado-de-lá correndo e pedindo perdão!...

Mas, aí, Nhô Augusto calou, com o peito cheio; tomou um ar de acanhamento; suspirou e perguntou:

– Mais galinha, um pedaço, amigo?

– 'Tou feito.

– E você, seu barra?

– Agradecido... 'Tou encalcado... 'Tou cheio até à tampa!

Enquanto isso, seu Joãozinho Bem-Bem, de cabeça entornada, não tirava os olhos de cima de Nhô Augusto.

E Nhô Augusto, depois de servir a cachaça, bebeu também, dois goles, e pediu uma das *papo-amarelo*, para ver:

– Não faz conta de balas, amigo? Isto é arma que cursa longe...

– Pode gastar as óito. Experimenta naquele pássaro ali, na pitangueira...

– Deixa a criaçãozinha de Deus. Vou ver só se corto o galho... Se errar, vocês não reparem, porque faz tempo que eu não puxo dedo em gatilho...

Fez fogo.

– Mão mandona, mano velho. Errou o primeiro, mas acertou um em dois... Ferrugem em bom ferro!

(ROSA, J. G. *Sagarana.* 71.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.394-395.)

23 - (UEL PR)

Um dos aspectos distintivos de João Guimarães Rosa é seu trabalho laborioso com a linguagem.

A esse respeito e com base no texto, considere as afirmativas a seguir.

I. O termo “bicipitalidade” é um exemplo de neologismo. Colocado ao lado do adjetivo “maciça”, expressa a ideia da grande força muscular de Epifânio.

II. O trecho “com o pau escrevendo e lendo” constitui um exemplo de recriação de um dito popular cujo sentido original é: o não cumprimento do combinado ocasionará punição.

III. A expressão “Ferrugem em bom ferro!” caracteriza-se como uma construção poética que exprime, através dos termos “ferrugem” e “ferro”, a falta de destreza do protagonista com a arma de fogo.

IV. As expressões “chover sem chuva” e “homem mudo gritando” configuram-se como exemplos de inadequação vocabular, e seu uso revela o baixo nível cultural do protagonista.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e II são corretas.

b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

TEXTO: 17 - Comum à questão: 24

Os donos da comunicação

Os presidentes, os ditadores e os reis da Espanha que se cuidem porque os donos da comunicação duram muito mais. Os ditadores abrem e fecham a imprensa, os presidentes xingam a TV e os reis da Espanha cassam o rádio, mas, quando a gente soma tudo, os donos da comunicação ainda tão *por cima. Mandam na economia, mandam nos intelectuais, mandam nas moças fofinhas que querem aparecer nos shows dos horários nobres e mandam no* society *que morre se o nome não aparecer nas colunas.*

Todo mundo fala mal dos donos da comunicação, mas só de longe. E ninguém fala mal deles por escrito porque quem fala mal deles por escrito nunca mais vê seu nome e sua cara nos "veículos" deles. Isso é assim aqui, na Bessarábia e na Baixa Betuanalândia. Parece que é a lei. O que também é muito justo porque os donos da comunicação são seres lá em cima. Basta ver o seguinte: nós, pra sabermos umas coisinhas, só sabemos delas pela mídia deles, não é mesmo? Agora vocês já imaginaram o que sabem os donos da comunicação que só deixam sair 10% do que sabem?

Pois é; tem gente que faz greve, faz revolução, faz terrorismo, todas essas besteiras. Corajoso mesmo, eu acho, é falar mal de dono de comunicação. Aí tua revolução fica xinfrim, teu terrorismo sai em corpo 6 e se você morre vai lá pro fundo do jornal em quatro linhas.

(Millôr Fernandes. *Que país é este?*, 1978.)

24 - (UNESP SP)

As repetições, o uso de palavras e expressões populares, a justaposição fluente de ideias, dispensando vírgulas, e as ironias constantes atribuem ao texto de Millôr Fernandes

a) tom descontraído e bem-humorado.

b) dificuldade de leitura e compreensão.

c) feição arcaica e ultrapassada.

d) estilo agressivo e contundente.

e) imagens vulgares e obscenas.

TEXTO: 18 - Comum à questão: 25

Considere o poema de Luís Delfino (1834-1910) e a reprodução de um mosaico da Catedral de Monreale.

Jesus Pantocrátor [1]

Há na Itália, em Palermo, ou pouco ao pé, na igreja
De Monreale, feita em mosaico, a divina
Figura de Jesus Pantocrátor: domina
Aquela face austera, aquele olhar troveja.

Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina.
À árida pupila a doce, a benfazeja
Lágrima falta, e o peito enorme não arqueja
À dor. Fê-lo tremendo a ficção bizantina[2]*.*

Este criou o inferno, e o espetáculo hediondo
Que há nos frescos[3] *de Santo Stefano Rotondo*[4]*;*
Este do mundo antigo espedaçado assoma...

Este não redimiu; não foi à Cruz: olhai-o:

Tem o anátema[5] à boca, às duas mãos o raio,

E em vez do espinho à fronte as três coroas de Roma.

(Luís Delfino. *Rosas negras*, 1938.)

(1) *Pantocrátor*: que tudo rege, que governa tudo.

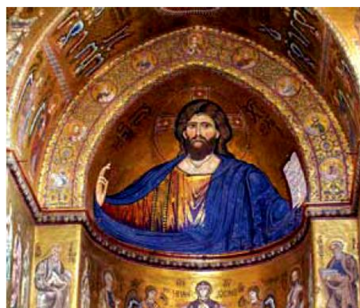
(2) *Bizantina*: referente ao Império Romano do Oriente (330-1453 d.C.) e às manifestações culturais desse império.

(3) *Fresco*: o mesmo que *afresco,* pintura mural que resulta da aplicação de cores diluídas em água sobre um revestimento ainda fresco de argamassa, para facilitar a absorção da tinta.

(4) *Santo Stefano Rotondo*: igreja erigida por volta de 460 d.C., em Roma, em homenagem a Santo Estêvão (*Stefano*, em italiano), mártir do cristianismo.

(5) *Anátema*: reprovação enérgica, sentença de maldição que expulsa da Igreja, excomunhão.

Figura de Cristo Pantocrátor



(Catedral de Monreale, Itália.)

25 - (UNESP SP)

A leitura do soneto revela que o poeta seguiu o preceito parnasiano de só fazer rimar em seus versos palavras pertencentes a classes gramaticais diferentes, como se observa, por exemplo, nas

palavras que encerram os quatro versos da primeira quadra, que rimam conforme o esquema ABBA. Consideradas em sua sequência do primeiro ao quarto verso, tais palavras surgem, respectivamente, como

a) adjetivo, verbo, substantivo, adjetivo.

b) substantivo, adjetivo, verbo, verbo.

c) substantivo, adjetivo, substantivo, advérbio.

d) verbo, adjetivo, verbo, adjetivo.

e) substantivo, substantivo, verbo, verbo.

TEXTO: 19 - Comum à questão: 26

Cheguei com 21 anos e já estou há 54 em São Paulo. Desde meus primeiros dias, vivo um problema que existe até hoje e compartilho com todo mundo. Não dirijo. Ando de táxi, ônibus, metrô e caminho muito. Sou pedestre e, como tal, conheço a tragédia das calçadas. Quem caminha torce o pé em buracos, tropeça em desníveis, precisa olhar para baixo o tempo inteiro. Não há calçadas uniformes, planas, planejadas, cuidadas. Cada dono constrói seu trecho segundo sua fantasia. Há gosto, bom gosto e muito mau gosto, breguice, kitsch. *A variedade não contribui para uma cidade criativa e original. Ao contrário, é um mix desordenado de excrescência.*

Problemas pequenos? Some aos outros, por exemplo, as agruras de quem toma ônibus, de quem toma metrô, de manhã ou à tarde. Tente viajar nos horários de pico. Ah! Aí, sim, se vê por que é uma selva. Algum coordenador de transportes tentou fazer uma viagem num coletivo cheio, em dia de calor, janelas fechadas? Algum já viajou esmagado, prensado, sufocado, o ar faltando aos pulmões?

Sonho com utopias. A São Paulo ideal teria calçadas largas contendo uma ciclovia e árvores. E bueiros que deem vazão às águas das chuvas. E um povo que não varra as folhas para dentro dos bueiros. E que tenha recipientes para se depositar o lixo. A São Paulo ideal teria prédios de no máximo oito andares e praças e jardins e parques. E principalmente projetos e planos diretores que olhassem o futuro, e não o presente imediato e eleitoreiro. E administradores que olhassem com carinho para a cidade.

(Ignácio de Loyola Brandão. *O Estado de S.Paulo*, 01.07.2012. Adaptado.)

26 - (UNISA SP)

Existe mudança de classe gramatical entre as palavras destacadas em:

a) Esta é uma cidade cuja *arborização* é constituída pelos mais diferentes tipos de árvore. / Foi-se o tempo de *arborizações* homogêneas nas grandes cidades.

b) Não posso omitir a vegetação que cresce entre os *interstícios* das pedras. / Nos *interstícios* das sessões, as autoridades discutiam o plano diretor para a cidade.

c) Ao contrário, é um mix desordenado de *excrescência.* / É uma *excrescência* o descuido da administração pública para com os problemas urbanos.

d) Há espécies desiguais de árvores, que crescem *lentamente*, que não crescem, que têm troncos finos. / Muito *lentamente* a administração pública vai recuperando as calçadas.

e) Algum coordenador de transportes tentou fazer uma viagem num *coletivo* cheio, em dia de calor, janelas fechadas? / Trata-se de um apelo *coletivo*, de todas as pessoas do bairro para a reforma das calçadas.

TEXTO: 20 - Comum à questão: 27

Nós, escravocratas

Há exatos cem anos, saía da vida para a história um dos maiores brasileiros de todos os tempos: o pernambucano Joaquim Nabuco. Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.

Apesar da vitória conquistada, Joaquim Nabuco reconhecia: “Acabar com a escravidão não basta. É preciso acabar com a obra da escravidão”, como lembrou na semana passada Marcos Vinicios Vilaça, em solenidade na Academia Brasileira de Letras. Mas a obra da escravidão continua viva, sob a forma da exclusão social: pobres, especialmente negros, sem terra, sem emprego, sem casa,

sem água, sem esgoto, muitos ainda sem comida; sobretudo sem acesso à educação de qualidade.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra da escravidão se mantém e continuamos escravocratas.

Somos escravocratas ao deixarmos que a escola seja tão diferenciada, conforme a renda da família de uma criança, quanto eram diferenciadas as vidas na Casa Grande ou na Senzala. Somos escravocratas porque, até hoje, não fizemos a distribuição do conhecimento: instrumento decisivo para a liberdade nos dias atuais. Somos escravocratas porque todos nós, que estudamos, escrevemos, lemos e obtemos empregos graças aos diplomas, beneficiamo-nos da exclusão dos que não estudaram. Como antes, os brasileiros livres se beneficiavam do trabalho dos escravos.

Somos escravocratas ao jogarmos, sobre os analfabetos, a culpa por não saberem ler, em vez de assumirmos nossa própria culpa pelas decisões tomadas ao longo de décadas. Privilegiamos investimentos econômicos no lugar de escolas e professores. Somos escravocratas, porque construímos universidades para nossos filhos, mas negamos a mesma chance aos jovens que foram deserdados do Ensino Médio completo com qualidade. Somos escravocratas de um novo tipo: a negação da educação é parte da obra deixada pelos séculos de escravidão.

A exclusão da educação substituiu o sequestro na África, o transporte até o Brasil, a prisão e o trabalho forçado. Somos escravocratas que não pagamos para ter escravos: nossa escravidão ficou mais barata, e o dinheiro para comprar os escravos pode ser usado em benefício dos novos escravocratas. Como na escravidão, o trabalho braçal fica reservado para os novos escravos: os sem educação.

Negamo-nos a eliminar a obra da escravidão.

Somos escravocratas porque ainda achamos naturais as novas formas de escravidão; e nossos intelectuais e economistas comemoram minúscula distribuição de renda, como antes os senhores se vangloriavam da melhoria na alimentação de seus escravos, nos anos de alta no preço do açúcar. Continuamos escravocratas, comemorando gestos parciais. Antes, com a proibição do tráfico, a lei do ventre livre, a alforria dos sexagenários. Agora, com o bolsa família, o voto do

analfabeto ou a aposentadoria rural. Medidas generosas, para inglês ver e sem a ousadia da abolição plena.

Somos escravocratas porque, como no século XIX, não percebemos a estupidez de não abolirmos a escravidão. Ficamos na mesquinhez dos nossos interesses imediatos negando fazer a revolução educacional que poderia completar a quase-abolição de 1888. Não ousamos romper as amarras que envergonham e impedem nosso salto para uma sociedade civilizada, como, por 350 anos, a escravidão nos envergonhava e amarrava nosso avanço.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra criada pela escravidão continua, porque continuamos escravocratas. E, ao continuarmos escravocratas, não libertamos os escravos condenados à falta de educação.

CRISTOVAM BUARQUE

Adaptado de http://oglobo.globo.com, 30/01/2000.

27 - (UERJ)

Ficamos na mesquinhez dos nossos interesses imediatos negando fazer a revolução educacional que poderia completar a quase-abolição de 1888. (Refs. 39-40)

A criação da palavra composta, quase-abolição, cumpre principalmente a função de:

a) desfazer a contradição entre os termos

b) estabelecer a gradação entre os termos

c) enfatizar a abstração de um dos termos

d) restringir o sentido de um dos termos

TEXTO: 21 - Comum à questão: 28

TEXTO 1

Senhorinha

Moça de fazenda antiga, prenda minha

Gosta de passear de chapéu, sombrinha

Como quem fugiu de uma modinha

Sinhazinha

No balanço da cadeira de palhinha

Gosta de trançar seu retrós de linha

Como quem parece que adivinha (amor)

Será que ela quer casar?

Será que eu vou casar com ela?

Será que vai ser numa capela

De casa de andorinha?

Princesinha

Moça dos contos de amor da carochinha

Gosta de brincar de fada-madrinha

Como quem quer ser minha rainh

Sinhá mocinha

Com seu brinco e seu colar de água-marinha

Gosta de me olhar da casa vizinha

Como quem me quer na camarinha (amor)

Será que eu vou subir no altar?

Será que irei nos braços dela?

Será que vai ser essa donzela

A musa desse trovador?

Ó prenda minha

Ó meu amor

Se torne a minha senhorinha

(GUINGA; PINHEIRO, Paulo César. “Senhorinha”.
In: **Noturno Copacabana**. Faixa 8; Velas, 2003.)

TEXTO 2

“O trovador, obediente a estritas normas de cortesia – o ‘amor cortês’ –, rendia vassalagem à dama (o ‘serviço amoroso’), prometendo servi-la e respeitá-la fielmente, ser discreto embora ciumento, empalidecer na sua presença, perturbar-se interiormente, ser temeroso de não ser correspondido, nada recusar à dama eleita.”

(MOISÉS, Massaud. “Trovadorismo”. **Dicionário de termos literários**.
São Paulo: Cultrix, 2004, p. 455.)

28 - (PUC MG)

Na letra da canção, a constante utilização de formas no diminutivo indica:

a) infantilidade.

b) pequeneza.

c) afetividade.

d) indiferença.

TEXTO: 22 - Comum à questão: 29

Ginástica sintática

Pesquisadores de neurociência da Universidade Johns Hopkins, nos EUA, publicaram há pouco, na revista "Plos One", sua descoberta de que, quando os músicos de jazz improvisam sobre uma melodia — criando contramelodias sobre uma base harmônica comum —, estão ativando uma área do cérebro associada à sintaxe, não à semântica. Ou seja, não produzem conteúdos, mas estruturas. O estudo, que utilizou testes de ressonância magnética, visa a mapear o papel do cérebro na criatividade.

A quase 100 anos da gravação do primeiro disco do gênero ("Livery Stable Blues", pela Original Dixieland Jazz Band, em 1917), o achado não me soa como grande novidade. De certa maneira, todos nós, fãs de jazz, já nascemos sabendo disso. O que seria o improviso coletivo de Nova Orleans senão uma deliciosa conversa de comadres significando nada? E o concerto no Massey Hall, de Toronto, em 1953? Charlie Parker e Dizzy Gillespie, rompidos havia anos, não tiveram de fazer as pazes para falar jazzês e se complementar magistralmente em "Perdido", "Hot House" e "A Night in Tunisia".

O estudo diz avançar sobre uma pesquisa iniciada em 2008 e publicada na mesma revista, segundo a qual, quando os jazzistas improvisam, seus cérebros "desligam" os controles de censura e autoinibição, e "ligam" os que liberam a expressão — o que não aconteceria se tocassem um "conteúdo", uma melodia conhecida e sem variações.

(Ruy Castro. *Folha de S.Paulo*, 08.03.2014. Adaptado.)

29 - (UNIVAG MT)

No contexto do segundo parágrafo, o termo *jazzês*, formado com o acréscimo do sufixo *-ês* à base *jazz*, é usado para sugerir que o jazz

a) não tem uma melodia característica, por ser um estilo feito da influência de outros ritmos.

b) possui uma linguagem peculiar, que permite diferenciá-lo de outros estilos musicais.

c) conta com um número cada vez mais reduzido de fãs, porque se tornou um estilo ultrapassado.

d) valoriza a expressão individual do músico, eliminando o diálogo e estimulando a introspecção.

e) é um ritmo destituído de originalidade, pois se fundamenta na repetição de fórmulas.

TEXTO: 23 - Comum à questão: 30

A data oficial da chegada do inverno no hemisfério sul é 21 de junho, entretanto, a estação mais fria do ano apareceu no Rio Grande do Sul ainda em maio, dando motivo para os textos reproduzidos a seguir.

TEXTO 1:

INVERNO CHEGA ADIANTADO

Jaqueline Sordi – Zero Hora, 26/05/2014

[1] Vai ter Copa e vai ter frio – ou ao menos é o que está previsto para o tempo nesta semana que se inicia com a [2] contagem regressiva de 17 dias para o Mundial. A massa de ar polar que entrou em solo gaúcho durante o final de semana [3] derrubando a temperatura deve permanecer sobre o Rio Grande do Sul pelo menos até sexta-feira, quando uma nova frente [4] fria entrará, provocando chuva.

[5] A semana começa com temperaturas baixas e predomínio de sol entre nuvens no sul do estado. Já no Centro e no [6] Norte, áreas de instabilidade associadas a um sistema de baixa pressão formado sobre o Paraguai provocarão chuvas [7] isoladas até a madrugada de terça-feira. Há inclusive riscos para temporais em municípios da região das Missões.

[8] A segunda-feira será de tempo nublado com pancadas de chuva ao longo do dia na Capital, que deve registrar [9] mínima de 11 ºC e máxima de 18 ºC. Somente na terça-feira a instabilidade se afasta, e o tempo volta a ficar firme em [10] praticamente todo o estado. A temperatura, entretanto, seguirá amena. Em São José dos Ausentes, nos Campos de Cima da [11] Serra, que registrou 4,3 ºC na madrugada de domingo, a máxima não passará dos 16 ºC durante a semana. Já em Ijuí, no [12] noroeste do estado, os termômetros variarão dos 5 ºC aos 19 ºC até sexta-feira.

[13] noroeste do estado, os termômetros variarão dos 5 ºC aos 19 ºC até sexta-feira. [14] Oeste, houve temperaturas abaixo dos 2 ºC. As cidades mais frias foram Lagoa Vermelha e Bagé, onde as mínimas chegaram [15] a 1,1 ºC, e Quaraí, que registrou 1,3 ºC. A sensação térmica ficou ainda menor, alcançando -4 ºC em Quaraí e -3,7 ºC em [16] Dom Pedrito. Na Capital, o domingo amanheceu com névoa úmida e mínima de 7 ºC . Durante a tarde, mesmo com sol e [17] poucas nuvens, as máximas não passaram dos 15 ºC. Em Pelotas, a mínima foi de 5,9 ºC e, em Caxias do Sul, 4,2 ºC.

TEXTO 2:



30 - (UFPel RS)

As escolhas lexicais do primeiro parágrafo do texto número 1 conferem-lhe uma característica de

a) confiabilidade.

b) previsibilidade.

c) imprevisibilidade.

d) seguridade.

e) instabilidade.

f) I.R.

TEXTO: 24 - Comum à questão: 31

O orgulho do fracasso

Língua, religião e alta cultura são os únicos componentes de uma nação que podem sobreviver quando ela chega ao término da sua duração histórica. São os valores universais, que, por servirem a toda a humanidade e não somente ao povo em que se originaram, justificam que ele seja lembrado e admirado por outros povos. A economia e as instituições são apenas o suporte, local e temporário, de que a nação se utiliza para seguir vivendo enquanto gera os símbolos nos quais sua imagem permanecerá quando ela própria já não existir. [...]

Por isso, **esses elementos**, os mais distantes de todo interesse econômico, são as únicas garantias do êxito no campo material e prático. Todo povo se esforça para dominar o ambiente material. Se só alguns alcançam o sucesso, a diferença, como demonstrou Thomas Sowell em *Conquests and Cultures* [Conquistas e Culturas], reside principalmente no “capital cultural”, na capacidade intelectual acumulada que a mera luta pela vida não dá, que só se desenvolve na prática da língua, da religião e da alta cultura.

Nenhum povo ascendeu ao primado econômico e político para somente depois se dedicar a interesses superiores. O inverso é que é verdadeiro: a afirmação das capacidades nacionais naqueles três domínios antecede as realizações político-econômicas.

A França foi o centro cultural da Europa muito antes das pompas de Luís XIV. Os ingleses, antes de se apoderarem dos sete mares, foram os supremos fornecedores de santos e eruditos para a Igreja. A Alemanha foi o foco irradiador da Reforma e em seguida o centro intelectual do mundo — com Kant, Hegel e Schelling — antes mesmo de se constituir como nação. Os EUA tinham três séculos de religião devota e de valiosa cultura literária e filosófica antes de se lançar à aventura industrial que os elevou ao cume da prosperidade. Os escandinavos tiveram santos, filósofos e poetas antes do carvão e do aço. O poder islâmico, então, foi de alto a baixo criatura da religião —

religião que seria inconcebível se não tivesse encontrado, como legado da tradição poética, a língua poderosa e sutil em que se registraram os versículos do Corão. E não é nada alheio ao destino de espanhóis e portugueses, rapidamente afastados do centro para a periferia da História, o fato de terem alcançado o sucesso e a riqueza da noite para o dia, sem possuir uma força de iniciativa intelectual equiparável ao poder material conquistado.

A experiência dos milênios, **no entanto**, pode ser obscurecida até se tornar invisível e inconcebível. Basta que um povo de mentalidade estreita seja confirmado na sua ilusão materialista por uma filosofia mesquinha que tudo explique pelas causas econômicas. Acreditando que precisa resolver seus problemas materiais antes de cuidar do espírito, esse povo permanecerá espiritualmente rasteiro e nunca se tornará inteligente o bastante para acumular o capital cultural necessário à solução daqueles problemas.

O pragmatismo grosso, a superficialidade da experiência religiosa, o desprezo pelo conhecimento, a redução das atividades do espírito ao mínimo necessário para a conquista do emprego (inclusive universitário), a subordinação da inteligência aos interesses partidários, tais são as causas estruturais e constantes do fracasso desse povo. Todas as demais explicações alegadas — a exploração estrangeira, a composição racial da população, o latifúndio, a índole autoritária ou rebelde dos brasileiros, os impostos ou a sonegação deles, a corrupção e mil e um erros que as oposições imputam aos governos presentes e estes aos governos passados — são apenas subterfúgios com que uma intelectualidade provinciana e acanalhada foge a um confronto com a sua própria parcela de culpa no estado de coisas e evita dizer a um **povo pueril** a verdade que o tornaria adulto: que a língua, a religião e a alta cultura vêm primeiro, a prosperidade depois.

As escolhas, dizia L. Szondi, fazem o destino. Escolhendo o imediato e o material acima de tudo, o povo brasileiro embotou sua inteligência, estreitou seu horizonte de consciência e condenou-se à ruína perpétua.

O desespero e a frustração causados pela longa sucessão de derrotas na luta contra males econômicos refratários a todo tratamento chegaram, nos últimos anos, ao ponto de fusão em que a soma de estímulos negativos produz, ***pavlovianamente***, a inversão masoquista dos reflexos: a indolência intelectual de que nos envergonhávamos foi assumida como um mérito excelso, quase religioso, tradução do amor evangélico aos pobres no quadro da luta de classes. Não podendo conquistar o sucesso, instituímos o ufanismo do fracasso. Depois disso, que nos resta, senão abdicarmos de existir como nação e nos conformarmos com a condição de entreposto da ONU?

Fonte: CARVALHO, Olavo de. In: **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. 5.ed. Rio de Janeiro, Record, 2013, p. 65-66. (texto adaptado)

31 - (UFT TO)

Há a utilização, nos parágrafos 4º e 6º, dos sinais (—). Assinale a alternativa **CORRETA** quanto a esses recursos gramaticais presentes no texto.

a) O emprego dos sinais faz com que a oração, presente entre eles, tenha a função de aposto, demarca-se a explicação do conteúdo, podendo ser substituídos por parênteses.

b) Os sinais configuram-se como recursos argumentativos que indicam discursos direto e indireto.

c) A utilização dos sinais objetiva fazer com que a oração, presente entre eles, destaque o pensamento do autor e da maioria dos leitores; os sinais devem ser substituídos por aspas duplas.

d) O emprego dos sinais denota a ironia do autor, no entanto, sintaticamente são utilizados de modo inadequado, podendo ser substituídos por parênteses.

e) A utilização dos sinais evidencia frases que expõem a opinião de leitores a respeito da temática.

TEXTO: 25 - Comum à questão: 32

Leia o poema de Mário Quintana.

Canção da Primavera

Primavera cruza o rio

Cruza o sonho que tu sonhas.

Na cidade adormecida

Primavera vem chegando.

Catavento enlouqueceu,

Ficou girando, girando.

Em torno do catavento

Dancemos todos em bando.

Dancemos todos, dancemos,

Amadas, Mortos, Amigos,

Dancemos todos até

Não mais saber-se o motivo...

Até que as paineiras tenham

Por sobre os muros florido!

32 - (UNESP SP)

No verso da terceira estrofe – *Dancemos todos, dancemos*. –, emprega-se o verbo *dançar* no modo imperativo com a intenção de

a) conclamar todos à dança. Se o eu lírico se excluísse da ação, o verso assumiria a seguinte redação: Dancem todos, dancem.

b) obrigar todos a dançarem. Se o eu lírico se excluísse da ação, o verso assumiria a seguinte redação: Dança todos, dança.

c) suplicar pela dança de todos. Se o eu lírico se excluísse da ação, o verso assumiria a seguinte redação: Dançam todos, dançam.

d) sugerir uma dança futura. Se o eu lírico se excluísse da ação, o verso assumiria a seguinte redação: Dançarão todos, dançarão.

TEXTO: 26 - Comum à questão: 33

OS HUMANOS SÃO UMA PARTE IMPORTANTE DA BIOSFERA

[1] As maravilhas do mundo natural atraem a nossa curiosidade sobre a vida e tudo que nos cerca. [2] Para muitos de nós, nossa curiosidade sobre a Natureza e os desafios de seu estudo são razões [3] suficientes. Além disso, contudo, nossa necessidade de compreender a Natureza está se tornando [4] mais e mais urgente, à medida que o crescimento da população humana estressa a capacidade dos sistemas [5] naturais em manter sua estrutura e funcionamento.

[6] Os ambientes que as atividades humanas dominam ou criaram – incluindo nossas áreas de vida [7] urbanas e suburbanas, nossas terras cultivadas, nossas áreas de recreação, plantações de árvore e [8] pesqueiros – são também ecossistemas. O bem-estar da humanidade depende de manter o funcionamento [9] desses sistemas, sejam eles naturais ou artificiais. Virtualmente toda a superfície da Terra é, ou em breve [10] será, fortemente influenciada por pessoas, se não completamente sob seu controle. Os humanos já [11] usurpam quase metade da produtividade biológica da biosfera. Não podemos assumir essa [12] responsabilidade de forma negligente.

[13] A população humana se aproxima da marca de 7 bilhões, e consome energia e recursos, e produz [14] rejeitos muito além do necessário ditado pelo metabolismo biológico. Essas atividades causaram dois [15] problemas relacionados de dimensões globais. O primeiro é o seu impacto nos sistemas naturais, incluindo [16] a interrupção de processos ecológicos e a exterminação de espécies. O segundo é a firme e constante [17] deterioração do próprio ambiente da espécie humana à medida que pressionamos os limites dentro dos [18] quais os ecossistemas podem se sustentar. Compreender os princípios ecológicos é um passo necessário [19] para lidar com esses problemas.

RICKLEFS, Robert E. *A economia da natureza.* 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. p. 15. (Adaptado).

33 - (UEG GO)

No trecho "Os humanos já usurpam quase metade da produtividade biológica da biosfera. Não podemos assumir essa responsabilidade de forma negligente" (Refs. 10-12), os períodos apresentam pessoas verbais diferentes. O uso da primeira pessoal do plural, no segundo período, constitui um recurso linguístico por meio do qual o autor

a) assume ser parte da comunidade humana e, consequentemente, responsável pelo modo como ela tem explorado os recursos naturais.

b) evidencia sua concordância sobre o modo como os humanos usam, de forma desequilibrada e devastadora, os recursos da terra.

c) retira de si a responsabilidade sobre o modo como os recursos da biosfera têm sido consumidos pelas sociedades urbanas e suburbanas.

d) conclama a humanidade à invenção de tecnologias que possibilitem a descoberta de novos organismos e a criação de novos bens de consumo.

TEXTO: 27 - Comum à questão: 34

O FUTURO ERA LINDO

A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, o cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do planeta. Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.

Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. Por anos esquecemos que a internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em megahipercorporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre tantas indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu que os mesmos Estados Unidos, graças às maravilhas da internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como os maiores espiões do mundo, humilhando potências como a Alemanha e também o Brasil, impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao arrepio da justiça os

bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos [23] em matéria de ética, política e em boas maneiras.

[24] Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de [25] vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos [26] falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o [27] fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

Marion Strecker Adaptado de
Folha de São Paulo, 29/07/2014.

34 - (UERJ)

O primeiro parágrafo expõe projeções passadas sobre possibilidades de um futuro regido pela internet.

O recurso linguístico que permite identificar que se trata de projeção e não de fatos do passado é o uso da:

a) forma verbal

b) pontuação informal

c) adjetivação positiva

d) estrutura coordenativa

TEXTO: 28 - Comum à questão: 35

Hélio Schwartsman

Folha de S.Paulo, 17/10/2015

SÃO PAULO – A filosofia distingue entre a ética descritiva e a normativa. Enquanto a primeira se limita a arrolar as crenças morais das pessoas, a segunda tenta estabelecer se essas crenças se justificam à luz de princípios que permitam classificá-las em termos de certo e errado.

Como filósofos têm imaginação fértil, há desde sistemas baseados no cálculo da felicidade até os que se fundam na religião. Um dos favoritos é a chamada regra de ouro, segundo a qual não devemos fazer ao próximo aquilo que não desejaríamos que ele nos fizesse. Surgem assim normas morais invioláveis como não roubar, não mentir, pôr o interesse público acima dos particulares etc. O princípio é tão popular que já foi sequestrado por religiões tão diversas quanto cristianismo e budismo e por filósofos do calibre de Kant.

A aplicação da regra de ouro ao cenário político brasileiro recomendaria desistir do país. Ao que tudo indica, o governo acuado pela ruína econômica e por infindáveis denúncias de corrupção está em vias de fechar um acordo com o presidente da Câmara, ele próprio enredado em acusações de corrupção.

Se os relatos de bastidores são precisos, parlamentares da base governista livrariam a cara do chefe dos deputados no Conselho de Ética em troca de ele segurar os trâmites que poderiam levar a um processo de impeachment contra a presidente da República. Como a oposição calcula que não pode dispensar as boas graças do ilustre parlamentar, também evita contrariá-lo.

Ninguém admite nada disso, pois fazê-lo equivaleria a confessar que um bom naco das normas morais supostamente invioláveis estão sendo violadas. Uma alternativa seria trocar a regra de ouro por éticas mais realistas, como o consequencialismo, segundo o qual ações devem ser julgadas pelos resultados que acarretam. Mas, neste caso, a emenda fica pior que o soneto, pois são as disputas entre políticos que estão magnificando a crise econômica.

35 - (Fac. Direito de São Bernardo do Campo SP)

Qual é o efeito de sentido desencadeado pelo uso do verbo no gerúndio, na última linha do texto?

a) Evidenciar o bom nível das disputas entre políticos, que não tem aumentado a crise.

b) Exaltar que os embates entre os políticos continuam a aumentar a crise.

c) Criticar o gerundismo e enaltecer que a crise só tem aumentado.

d) Explicar que as brigas entre os políticos contribuem magnificamente para éticas mais realistas.

TEXTO: 29 - Comum à questão: 36

[1] Estava conversando com uma amiga, dia [2] desses. Ela comentava sobre uma terceira [3] pessoa, que eu não conhecia. Descreveu-a [4] como sendo boa gente, esforçada, ótimo [5] caráter. "Só tem um probleminha: não é [6] habitada". Rimos. Uma expressão coloquial na [7] França - habité, - mas nunca tinha escutado [8] por estas paragens e com este sentido. [9] Lembrei-me de uma outra amiga que, de forma [10] parecida, também costuma dizer "aquela ali [11] tem gente em casa" quando se refere a [12] pessoas que fazem diferença.

[13] Uma pessoa pode ser altamente confiável, [14] gentil, carinhosa, simpática, mas, se não é [15] habitada, rapidinho coloca os outros pra [16] dormir. Uma pessoa habitada é uma pessoa [17] possuída, não necessariamente pelo demo, [18] ainda que satanás esteja longe de ser má [19] referência. Clarice Lispector certa vez escreveu [20] uma carta a Fernando Sabino dizendo que [21] faltava demônio em Berna, onde morava na [22] ocasião. A Suíça, de fato, é um país de contos [23] de fada onde tudo funciona, onde todos são [24] belos, onde a vida parece uma pintura, um [25] rótulo de chocolate. Mas falta uma ebulição que [26] a salve do marasmo.

[27] Retornando ao assunto: pessoas habitadas [28] são aquelas possuídas por si mesmas, em [29] diversas versões. Os habitados estão [30] preenchidos de indagações, angústias, [31] incertezas, mas não são menos felizes por [32] causa disso. Não transformam suas [33] "inadequações" em doença, mas em força e [34] curiosidade. Não recuam diante de [35] encruzilhadas, não se amedrontam com [36] transgressões, não adotam as opiniões dos [37] outros para facilitar o diálogo. São pessoas que [38] surpreendem com um gesto ou uma fala fora [39] do script, sem nenhuma disposição para serem [40] bonecos de ventríloquos. Ao contrário, [41] encantam pela verdade pessoal que defendem. [42] Além disso, mantêm com a solidão uma relação [43] mais do que cordial.

[44] Então são as criaturas mais incríveis do [45] universo? Não necessariamente. Entre os [46] habitados há de tudo, gente fenomenal e [47] também assassinos, pervertidos e demais [48] malucos que não merecem abrandamento de [49] pena pelo fato de serem, em certos aspectos, [50] bastante interessantes. Interessam, mas [51] assustam. Interessam, mas causam dano. Eu [52] não gostaria de repartir a mesa de um [53] restaurante com Hannibal Lecter, "The [54] Cannibal", ainda que eu não tenha dúvida de [55] que o personagem imortalizado por Anthony [56] Hopkins renderia um papo mais estimulante do [57] que uma conversa com, sei lá, Britney Spears, [58] que só tem gente em casa porque está grávida.

[59] Que tenhamos a sorte de esbarrar com [60] seres habitados e ao mesmo tempo [61] inofensivos, cujo único mal que possam fazer [62] seja nos fascinar e nos manter acordados uma [63] madrugada inteira. Ou a vida inteira, o que é [64] melhor ainda.

MEDEIROS, Martha. In: Org. e Int. SANTOS, Joaquim Ferreira dos.
As Cem Melhores Crônicas Brasileiras. Objetiva, 324-325.

36 - (UECE)

Considerando o tom do texto, pode-se afirmar corretamente que o diminutivo probleminha, em "Só tem um probleminha: não é habitada". Rimos" (Refs. 5-6),

I. tem valor puramente dimensional.

II. é fortemente irônico.

III. reforça a pouca importância do problema.

Estão corretas apenas as complementações contidas em

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

TEXTO: 30 - Comum à questão: 37

*ONU prevê que Brasil **deverá** ter redução da população até 2100*

A Organização das Nações Unidas (ONU) publicou dados da evolução da população mundial que incluem uma **projeção** de que o Brasil **deverá ter queda** no número de habitantes até 2100. O país, que atualmente tem 207,8 milhões de pessoas, passará, de acordo com essa previsão, a ter 200,3 milhões em 2100.

O provável decréscimo da população do Brasil contraria a tendência global de crescimento. A previsão é de que a população total da Terra, atualmente em 7,3 bilhões, **deverá aumentar**, atingindo 11,2 bilhões em 2100.

(http://g1.globo.com, 29.07.2015. Adaptado)

37 - (UFSCar SP)

As construções destacadas no texto – **deverá ter redução**, **deverá ter queda**, **deverá aumentar** – expressam

a) hipóteses.

b) negações.

c) comprovações.

d) certezas.

e) lembranças.

TEXTO: 31 - Comum à questão: 38



“Aqui fazemos duas coisas importantes. Saímos do eu para trabalhar para o nós e saímos do meu para trabalhar para o nosso”, sintetizou Benedito Alves da Silva, mais conhecido por Seu Ditão, sentado sobre uma mesa de madeira baixa e grossa à frente do altar da igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no coração do bairro rural de Ivaporunduva, no município de Eldorado, em meio à maior área contínua de Mata Atlântica do país, no sudoeste paulista. À sua frente, no início da tarde do dia 11 de maio de 2015, estava um grupo de pré-adolescentes de uma escola de

Uberaba, Minas Gerais, cercados por professores e monitores de camiseta laranja. “O que é meu? A casa, as roupas”, prosseguiu o homem alto de 60 anos, cabelos brancos, a pele negra lisa como se tivesse 30 anos menos. “E o que é nosso? A terra.” Seu Ditão divide o tempo entre cuidar de sua plantação de banana e hortaliças e falar de seu povo e responder às perguntas dos grupos de escolas que chegam quase todo dia.

(*Pesquisa* Fapesp, junho de 2015. Adaptado)

38 - (UNESP SP)

Na passagem – ... mais conhecido por Seu Ditão... –, o aumentativo empregado confere ao nome de seu Benedito um sentido de

a) importância.

b) ironia.

c) humor.

d) fragilidade.

GABARITO:

1) Gab: B

2) Gab: B

3) Gab: D

4) Gab: D

5) Gab: C

6) Gab: D

7) Gab: A

8) Gab: B

9) Gab: B

10) Gab: D

11) Gab: D

12) Gab: E

13) Gab: E

14) Gab: B

15) Gab: B

16) Gab: C

17) Gab: D

18) Gab: E

19) Gab: B

20) Gab: E

21) Gab: E

22) Gab: B

23) Gab: A

24) Gab: A

25) Gab: B

26) Gab: E

27) Gab: D

28) Gab: C

29) Gab: B

30) Gab: B

31) Gab: A

32) Gab: A

33) Gab: A

34) Gab: A

35) Gab: B

36) Gab: B

37) Gab: A

38) Gab: A